

Dinheiro de lágrimas

FIDELIS WALNEY MERG*

Quem conviveu com Dante de Laytano é um ser privilegiado.

Numa ocasião, Dante e Ilha convidaram um grupo de amigos para uma confraternização na residência do casal, na Avenida Carlos Gomes. Um dos objetivos era apresentar a jovem Teresa de Jesus Mateus, que veio de Portugal para exercer as funções de governanta.

Teresa trouxe as simples e saborosas receitas da “Terrinha”, junto com uma integridade de berço.

Quando faleceu a esposa, Ilha, Dante organizou, em sua memória, a Fundação Ilha de Laytano.

Dante ficou desorientado. Lidava bem com todas as áreas, menos com a gestão financeira. Era um ser muito generoso.

O que ocorreu foi mudar-se da casa da Avenida Carlos Gomes, comprar um pequeno apartamento para a irmã Rosinha, na Rua Duque de Caxias, e para ele sobrou a alternativa de alugar o apartamento 31 do edifício Santa Maria, na mesma rua.

Foi necessário que Teresa assumisse a gestão financeira da casa. Como se diz: “Botou rédeas na boca do saco”. Foi a hora de Dante ir até o Paraná, onde residiam familiares de Teresa, com o objetivo de pedir sua mão em casamento. É comovente assistir à integridade daquele homem. Dante casou-se então pela segunda vez. Foi a hora de Teresa sugerir a compra de um apartamento, como resultado da administração que imprimiu com os rendimentos do marido.

Compareceram a um leilão da Caixa Federal. Escolheram um apartamento para comprar. Foi quando Dante descobriu que se tratava de um leilão de imóveis retomados. Desculpou-se com os funcionários e a esposa, e declarou “sinto que este apartamento foi um sonho de uma família que, por inadimplência, teve que entregar o imóvel”, e continuou: “Agradeço, mas não podemos aceitar dinheiro de lágrimas”.

Teresa imprimiu um critério ainda mais rígido na administração.

Resultado: compraram um apartamento na Avenida Independência, 98, edifício Flores da Cunha.

Dante curtiu durante algum tempo o espaçoso apartamento, com sua biblioteca, condecorações, e uma foto com o ator Grande Otelo, por ocasião de um festival de cinema de Gramado.

Seu fecundo trabalho literário foi coroado com a publicação do livro *Mar Absoluto das Memórias*, pela Martins Livreiro, como edição comemorativa dos 150 anos da Revolução Farroupilha. Era o ano de 1986.

Coube ao intelectual, músico e escritor consagrado Luiz Antonio de Assis Brasil fazer o prefácio do livro: “A ousadia de viver”.

Com a morte do companheiro em 18 de fevereiro de 2000, Teresa tentou recolher forças nas suas raízes, para conviver com a perda. Foi quando a jornalista Cláudia Laitano procurou-a e agendaram um encontro.

A matéria foi publicada no caderno Donna de Zero Hora, com o título “A guardiã de livros”. A generosidade das palavras da jornalista fortaleceu sua autoestima. Mas, gradativamente, foi sendo vencida pela saudade do companheiro de sua vida.

É justo registrar também a dedicação que Dante recebeu de seu dileto discípulo Moacyr Flores, organizador da sua historiografia.

Há dias, era um domingo, bateu-me uma saudade forte do amigo Dante, e fui até o Cemitério São Miguel e Almas. Subi as escadas até o setor A-3; catacumba 13.186; ordem 1ª. Na gaveta, rente ao chão, onde Dante foi sepultado, em contraponto com a foto, dois adesivos informando que o aluguel da sepultura está com mais de dois anos de inadimplência.

O fato positivo é que, hoje, Teresa encontra-se internada num residencial geriátrico, nas margens do Guaíba, na altura do Veleiros do Sul.

A vida valeu e está valendo a pena. Mas tenho andado triste com uma realidade difícil de entender. E a omissão é uma atitude indigna e covarde. É pois uma reação natural de quem teve o privilégio de conviver, por mais de 40 anos, com o cidadão Dante de Laytano. Sem fazer prejulgamento, acredito na justiça.

Justiça à qual Dante dedicou a sua vida, e que certamente irá concorrer para que a sua memória seja considerada com transparência e respeito.

É o que merece o cidadão que nunca aceitou dinheiro de lágrimas.

*Jornalista

SENTENÇAS

HUGO CHÁVEZ,
presidente da Venezuela, ao abraçar Antonio Palocci

“ Fuerza, fuerza.

ROBERTO GURGEL,
procurador-geral da República, ao arquivar as quatro representações em que partidos de oposição pediam abertura de investigação criminal contra Antonio Palocci

“ Os fatos, entretanto, tais como descritos nas representações, não configuram infração penal.

GLEISI HOFFMANN,
nova ministra-chefe da Casa Civil

“ A quem muito é dado, muito será cobrado.



RONALDO NAZÁRIO,
no Pacaembu, ao se despedir da Seleção

“ Me desculpem pelos gols perdidos e obrigado pelo amor, carinho e respeito que vocês me deram sempre!

GILMAR MENDES,
ao votar pela extradição do ex-ativista italiano Cesare Battisti no STF

“ Nós não estamos a falar de alguém que fez um passeio, mas que é acusado de quatro assassinatos.

GIORGIA MELONI,
ministra italiana da Juventude, sobre a decisão do STF

“ É um tapa nas instituições italianas e um ato indigno de uma nação civilizada e democrática.

LUIZ FUX,
ministro do STF, sobre decisão relacionada ao ex-ativista Cesare Battisti, que contrariou o governo da Itália

“ O que está em jogo aqui não é nem o futuro nem o passado de um homem, mas a soberania nacional.

FRANCISCO SOSA-WAGNER,
deputado espanhol, ao criticar as suspeitas não confirmadas de que os pepinos teriam espalhado a bactéria *E. coli*

“ Precisamos restaurar a honra do pepino.

Do Leitor

JOSÉ LUIZ BICCA HEINECK,
produtor rural de São Gabriel, sobre as atividades do ex-ministro Antonio Palocci

“ Se o assunto das consultorias prestadas pelo ex-ministro era medicina, tudo bem. Outros temas só poderiam tratar de informações de governo, e isto é crime ético.

A casinha da Agapan

MOISÉS MENDES*

moises.mendes@zerohora.com.br

Abateram a casinha da Agapan como ainda se abate o que sobrou dos jacarandás da Mata Atlântica. Era atrevimento demais daquela casinha querer sobreviver na geografia dos vidros fumês. Agora, imagine se Lutz ainda estivesse por aí, que rebuliço iria armar em torno dos galhos quebrados daquela casinha, das raízes reviradas, daquela carcaça de pedaços de paus e chumaços de capim. Que significado poderia ter aquela casinha para uma cidade brutalizada por carros que caçam bicicletas e pedestres e às vezes se desnorteiam e desabam na podridão do Dilúvio?

Lutzenberger morreu em maio de 2002. Deixou escrito que pretendia arranjar um jeito de voltar a cada 50 anos depois de ser enterrado à sombra dos eucaliptos do Rincão Gaia. Volta antes, Lutz, para ver o que fizeram com a casinha da Agapan. Diz uns desaforos, como uns camarões, toma um chope e depois te diverte com a enrolação para a história do abate da casinha. Vem dizer uns palavões, Lutz.

Um mês antes de morrer, Lutz ouviu uma das perguntas mais idiotas já formuladas em nome do jornalismo. Fui o autor da pergunta, no terceiro dos encontros que tive com ele. No primeiro, fomos a um restaurante e vimos, eu e o jornalista Clóvis Heberle, o ecologista devorar um quilo de camarões. No segundo, em março, com o fotógrafo Kadão Chaves, no Rincão, passamos um dia com seu sofrimento. Lutz ofegava e tentava aspirar todo o oxigênio da volta. Nos disse, sentado no trapiche do lago, um calorão do Alegrete, que o bom mesmo era mergulhar pelado naquelas águas. Kadão jogou-se. Pelado. Lutz ofegava e se divertia com os mergulhos do Kadão.

No terceiro encontro, no casarão da Jacinto Gomes, as aquarelas do pai José nas paredes, me mostrou fotografias de cactus. De todas as formas, com flores de todas as cores. Foi quando decidi explorar a frondosa racionalidade de Lutz, que tudo explicava. Tudo na natureza tinha um sentido e ali estava eu atrás de mais uma descoberta do mecanicismo das coisas. Então perguntei, solenemente cartesiano: qual é a utilidade de um cactus?

Lutz me olhou como os sabiás devem ter olhado para os homens que abateram a casinha, com um assombro que saltava dos óculos, e disse:

– E uma coisa bela como essa precisa ter alguma utilidade?

É, não precisa mesmo. Lutz tentou me convencer a largar o carro e andar de ônibus. Tentei, mas os ônibus de Porto Alegre, que cobram caro para torturar gente, me largaram antes. Dias antes de morrer, conversamos por telefone e me convidou para um dia tomar um chope.

Tudo que se chama hoje genérica e às vezes marquetamente de consciência ambiental começou com Lutz e sua turma na Agapan. A Agapan foi criada em 27 de abril de 1971. Até o Greenpeace veio depois, é de setembro daquele ano. O que se ouve falar de ambientalismo repete o que diziam aqueles malucos dos anos 70, inspirados em gente como o padre Rambo e Luís Henrique Roessler. Alguns ainda frequentavam a casinha.

Mas abateram a casinha como quem roça o Cerrado e abre clareiras na Amazônia para coisas ditas mais úteis. Disseram, em nome da prefeitura, que alguém fraudou uma licença para instalar no lugar uma pizzaria. Uma pizzaria tem serventia. Mas qual era a utilidade daquela casinha da Agapan? Volta, Lutz. Tomamos aquele chope e tu me conta por que as pitangueiras ficaram floridas mas não deram pitanga no ano passado.

*Jornalista